

CARVALHO, G. Levantamento de questões sobre a fala da criança como objeto de estudo no campo de Aquisição da Linguagem. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

LEVANTAMENTO DE QUESTÕES SOBRE A FALA DA CRIANÇA COMO OBJETO DE ESTUDO NO CAMPO DA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Glória CARVALHO (Universidade Federal de Pernambuco)

ABSTRACT: *This paper focus the following deadlock in the field of language acquisition: an effect caused by the child's speech on the investigator constitutes that speech as the object of investigation, although such constitution suspends its objectivity statute. The referring deadlock could make the investigator come to resignifying his/her study object question.*

KEYWORDS: *Language acquisition; investigator; child's speech.*

0. Introdução

Pretendemos, nesta discussão, tomar, como ponto de partida, a seguinte proposta: no campo da aquisição de linguagem, ao escutar a fala da criança – concebida como objeto de estudo – o investigador *apaga* essa fala. Em outras palavras, nesse campo, a *escuta* do investigador “*desfaz*” o seu objeto de investigação. Inicialmente, precisamos abordar alguns pontos, a fim de tentarmos colocar em discussão essa proposta.

Convém indicar que a concepção de *objeto de investigação* parece estar ainda vinculada a uma noção clássica de objetividade do conhecimento, apesar das transformações que vem sofrendo ao longo da história da ciência. Nessa noção, seria, freqüentemente, atribuído, ao *objeto de conhecimento*, o estatuto de consistência com as marcas de estabilidade – ou mesmo, de permanência – e de independência, no sentido de que estaria separado do sujeito que o apreende.

Vale realçar que o objeto de investigação da trajetória lingüística do sujeito consiste na fala da criança com seu estatuto de diferença. O campo da aquisição de linguagem – ao se constituir em torno da proposta

CARVALHO, G. Levantamento de questões sobre a fala da criança como objeto de estudo no campo de Aquisição da Linguagem. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

de explicar a mudança que ocorre na criança de uma condição de não falante para uma condição de falante – coloca para o investigador, como consequência necessária, um compromisso com a singularidade, com a diferença que a fala da criança representa em relação ao falante de sua língua. Por sua vez, essa marca de singularidade torna-se, especialmente, visível nas produções verbais insólitas da criança. Trata-se daquelas produções que provocam, no falante, um *efeito de enigma* ou um *efeito de estranhamento*, segundo a concepção de Lemos, M.T. (2002), tomando como referência a *experiência do estranho* (segundo Freud), a qual é provocada pelo retorno de algo conhecido, mas que havia sido esquecido. Seria, enfim, uma forma específica/singular de atuação do funcionamento estrutural da língua que aproxima, metonimicamente, cadeias verbais e substitui, metaforicamente, significantes em pontos imprevisíveis dessas cadeias. Convém destacar que os processos metafóricos e metonímicos foram propostos por Lemos (2002), no campo da aquisição de linguagem, a partir da leitura de Saussure, Jakobson e Lacan.

A referida forma singular de funcionamento lingüístico já havia sido esquecida pelo sujeito falante (o investigador), mas retornaria na sua escuta da fala da criança, através de um efeito.

Desse modo, o termo efeito está sendo, aqui, usado, tomando por base o sentido atribuído por Milner (1997). Nessa perspectiva, de um modo geral, o efeito seria uma modificação provocada no corpo do sujeito por uma qualidade da coisa, supondo-se o corpo e a qualidade da coisa como sendo constituídos pela linguagem.

Assim, uma qualidade da coisa (no caso, a fala da criança) estaria modificando o corpo (que vamos chamar de corpo-linguagem) do investigador, ao fazer retornar, nesse corpo, processos metafóricos e metonímicos esquecidos, tornando especialmente visível a diferença da fala da criança. Seria esse, portanto, o sentido que assumimos para a expressão *escutar a fala da criança*. Notemos que, nessa escuta, a diferença, a singularidade não poderia ser concebida como uma qualidade inerente ao objeto/fala, mas como um efeito produzido sobre um sujeito.

Não parece demais repetir que a fala da criança, como objeto de estudo – ou seja, com seu estatuto de singularidade – se constituiria, então, através de um efeito que ela provoca no investigador.

1. A questão do efeito que a fala da criança provoca no investigador

A partir do que foi colocado, podemos inferir um impasse o qual seria formulado nos seguintes termos: *as produções verbais infantis se constituem como objeto de estudo a partir de um efeito ou de uma*

CARVALHO, G. Levantamento de questões sobre a fala da criança como objeto de estudo no campo de Aquisição da Linguagem. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

mudança provocada sobre um sujeito (o investigador), o que coloca, portanto, em questão a própria objetividade dessas produções.

Um tal impasse, por sua vez, estaria demandando do investigador, em aquisição de linguagem, a tentativa – ou mesmo o desafio – de indicar uma outra possibilidade de conceber o seu objeto, ou melhor, uma outra possibilidade de conceber a fala da criança. Seria, em última análise, uma concepção de objeto que, de algum modo, pudesse deslocar as propriedades de consistência, permanência e independência (no sentido colocado anteriormente) que lhe vêm sendo, classicamente, atribuídas.

Para nos confrontarmos com esse desafio, tentaremos apenas vislumbrar uma outra noção de objeto, apelando para um exemplo retirado da literatura. Vamos recorrer, então, a uma das incursões lacanianas na literatura através de uma análise do *Hamlet* de Shakespeare. Nessa análise, Lacan (1989) destaca o efeito, a ressonância provocada, sobre o leitor (ou sobre o espectador), por essa obra shakespeareana e, ao colocar em questão as tentativas de compreender um tal efeito afirma: “*Se nos comovemos com uma peça de teatro não é em razão do que ela representa como esforço (do autor), nem do que, sem saber, o autor aí deixa passar.*” (1989: 46). Desse modo, o referido efeito escaparia a tudo o que pudéssemos dizer sobre a consistência de Hamlet, “uma obra exemplar a esse respeito.” (1989: 44). Por sua vez, a tentativa de localizar pontos em que se revelaria o inconsciente de Shakespeare, por exemplo, *lapsus*, elementos simbólicos despercebidos dele próprio “não é desprovido de interesse, mas, em relação ao problema que põe Hamlet, é verdadeiramente secundário.” (1989: 44). Continuando, propõe Lacan que a grande importância dessa obra, ou seja, o alcance do seu efeito sobre o leitor é devido à sua estrutura – equivalente à do Édipo – no interior da qual a dimensão própria da subjetividade humana (isto é, o problema do desejo) pode encontrar um lugar.

Assim, com base nessa proposta, o essencial, para podermos compreender o *efeito Hamlet*, seria a estrutura de relações entre os personagens, ou seja, a superposição de planos ou de lugares dessa estrutura, no interior da qual o leitor encontra um lugar onde alojar a dimensão de sua subjetividade. Nessa perspectiva, ao sofrer o mencionado efeito, o leitor (ou uma dimensão da sua subjetividade) estaria incluído na obra.

No que toca a aquisição de linguagem, segundo a abordagem De Lemos C. (2000), por nós assumida, a mudança, na fala da criança, seria produzida por relações estruturais entre a língua, o outro e a fala da criança. Trazendo a análise de *Hamlet* para essa abordagem da mudança, sugerimos, então, que a concepção de fala da criança como objeto de

CARVALHO, G. Levantamento de questões sobre a fala da criança como objeto de estudo no campo de Aquisição da Linguagem. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

estudo, a partir de um efeito (de diferença, de singularidade) provocado sobre o sujeito-investigador, significaria conceber tal fala como um *lugar*, numa superposição ou numa estrutura de lugares, onde a subjetividade desse investigador (também concebido como um lugar) poderia se alojar.

Tentando ilustrar essa concepção de que a fala da criança seria um *lugar*, faremos referência a alguns exemplos retirados do Banco de Dados do Projeto de Aquisição de Linguagem do IEL/UNICAMP, os quais foram recortados e analisados durante a execução de um Projeto de Pesquisa, no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (Carvalho, 2003). Nesse *corpus*, mãe e criança usam, em vários momentos das sessões de gravação, algumas expressões, como: *deixeu vê/deixo vê, é verde/é vede, quero vê/quelo vê, tá se vendo, vai chovê, tá chovendo/tá sovendo*, etc. Ao se deparar com essas expressões, na produção verbal da criança, o investigador lhes atribui um sentido predeterminado, ou seja, atribui sentidos associados aos significantes *ver, verde, chover*. Propomos, entretanto que, nesse momento, o investigador não estaria escutando a fala da criança, o que será retomado mais adiante, para ser colocado em discussão.

Em outros momentos, contudo, algumas produções da criança provocam, no investigador, um efeito de estranhamento, como: *Deceu vede* (que é interpretado pela mãe de acordo com o tema de *cores*); *eu achuvia agu* (que é interpretado pela mãe de acordo com o tema de *chuva*); *nu quelho vede* (que é interpretado pela mãe de acordo com o tema de *animais*). Com base no que foi colocado, podemos dizer que essas produções infantis (estranhas) teriam evocado, metonimicamente, na escuta do investigador, algumas cadeias – como, por exemplo, aquelas que foram referidas anteriormente (*deixeu vê/deixo vê, tá se vendo, tá sovendo/tá chovendo, é verde/é vede*, etc) – as quais teriam se cruzado, nessa escuta, tendo seus significantes se substituído, metaforicamente, em pontos imprevisíveis. Assim, uma mudança no investigador estaria indicando que, nesse momento, ele escuta a fala da criança, o que, entretanto, traz conseqüências, algumas das quais tentaremos indicar.

Como uma primeira conseqüência, podemos apontar para o estatuto de *opacidade* da escuta do investigador. Ao se confrontar com produções do tipo *deceu vede, eu achuvia agu, nu quelho vede*, etc, o investigador oscilaria entre os sentidos de *ver, verde* e *chover*, sem poder se decidir por algum desses sentidos, em relação a tais produções infantis. Segundo De Lemos C. (2002), trata-se de significantes cujo sentido é uma interrogação, ou seja, cujo sentido é opaco. Assim, a opacidade de sentido seria um efeito produzido pela fala da criança (no início do seu percurso lingüístico) sobre o investigador, tornando-lhe impossível atribuir, com

CARVALHO, G. Levantamento de questões sobre a fala da criança como objeto de estudo no campo de Aquisição da Linguagem. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

segurança, um sentido determinado aos significantes dessa fala, como é o caso das cadeias exemplificadas. É importante notar que uma tal opacidade de sentido tem sido assumida pelo grupo de investigadores, na linha de pesquisa produzida por aquela autora.

Uma segunda consequência seria a produção de uma dúvida que passaremos a chamar de *suspeita* na escuta do investigador. Do que foi dito antes, podemos inferir que o investigador põe em dúvida, ou melhor, coloca em suspeição a atribuição de um sentido predeterminado – isto é, de uma intencionalidade representada por um sentido único – àquelas produções insólitas, atribuição essa que, em vários momentos, vem à tona na interpretação da mãe.

Por fim, uma terceira consequência diria respeito ao caráter *retroativo* da dúvida/suspeita. Por sua vez, a *suspeita*, na escuta do investigador, retroagiria a outras produções infantis, mesmo àquelas que não deixam visíveis marcas de opacidade, como por exemplo: *deixo vê, tá se vendo, tá sovendo (tá chovendo), é vede (é verde)*, etc. Sugerimos que, nesse movimento retroativo, o investigador também passaria a escutar (retroativamente) essas produções as quais, como foi referido, não haviam sido por ele, anteriormente, escutadas. Em outras palavras, a referida *suspeita* também colocaria em questão a aparente coincidência entre o sentido dos significantes *ver, verde e chover* produzidos pelo falante (mãe) e o sentido desses significantes produzidos na fala da criança, mesmo quando não haja marcas de uma não coincidência entre tais sentidos.

2. Considerações finais

Com fundamento nessa discussão, poderíamos dizer que a escuta do investigador constituiria a fala da criança como um lugar, pois, ao *esfacelar* o sentido das palavras, ou melhor, ao se confrontar com a não determinação de sentido, nas produções da criança, essa escuta esbarraria também com um apagamento da consistência de tal fala, isto é, com um apagamento da fala da criança como um objeto de conhecimento, conforme tradicionalmente concebido.

Dizendo de outro modo, o referido movimento retroativo da *suspeita* faria o investigador retornar, constantemente, à fala da criança, colocando em questão, ou seja, desfazendo o caráter consistente dos objetos que teriam sido postos no lugar da fala da criança. Seria nesse sentido, repetimos, que a escuta do investigador desfaria/apagaria a fala da criança concebida segundo a noção clássica de objeto de conhecimento, ao mesmo tempo em que a constituiria como um lugar. Entretanto, ao que tudo indica, haveria também um movimento constante no sentido de tentar preencher esse lugar com objetos/consistências produzidos a partir de

CARVALHO, G. Levantamento de questões sobre a fala da criança como objeto de estudo no campo de Aquisição da Linguagem. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

modelos teóricos, ou mesmo produzidos a partir de padrões lingüísticos, como por exemplo, os sentidos predeterminados que o sujeito falante projetaria sobre os significantes infantis. Assim, ao constituir a fala da criança como um lugar, a escuta do investigador desfaria, a cada vez, o objeto/consistência que teria sido, ali, colocado. Ao mesmo tempo, ele abriria espaço para que um outro objeto/consistência viesse a ocupar esse lugar. O investigador assumiria, portanto, o desafio de ficar atento para que essa consistência ali não se estabelecesse com uma ilusão de estabilidade, de permanência. Melhor dizendo, o investigador ficaria atento para que essas consistências assumissem o seu estatuto de provisoriedade, ou seja, para que elas permanecessem (ilusoriamente) nesse lugar, até que o investigador pudesse escutar a fala da criança, o que significa dizer: até que a sua escuta pudesse desfazer tais consistências.

Enfim, a concepção de fala da criança como um *lugar* estaria colocando o investigador frente ao desafio de se lançar num movimento incessante de fazer/desfazer/refazer o objeto, durante a sua trajetória de investigação da denominada *fala da criança*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARVALHO, G.. *A exclusão da singularidade em questão: o erro como diferença em aquisição de linguagem*. Relatório de Pesquisa, CNPq, 2002.
- DE LEMOS, C.. Questioning the notion of development: the case of language acquisition. *Culture & Psychology*, v.6, nº 2:169-182, 2000.
- _____. Das vicissitudes da fala da criança e de sua investigação. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, nº 42: 41-69, 2002.
- LACAN, J.. *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989.
- LEMOS, M. T.. *A Língua que me falta: uma análise dos estudos em Aquisição da Linguagem*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MILNER, J. C.. *Le triple du plaisir*. Paris: Verdier, 1997.